

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS  
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

**DANIEL MATEUS LEIVAS FERREIRA**

**A ESCOLA DA RUA**

**Porto Alegre  
2011**

**DANIEL MATEUS LEIVAS FERREIRA**

**A ESCOLA DA RUA**

Trabalho de Monografia apresentado como  
requisito para a obtenção de grau de Pós  
Graduação pela Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –  
FACED/UFRGS.

**Orientador (a):**  
**Professora. Dra. Miriam Pereira Lemos**

**Porto Alegre**  
**2011**

## **Sumário**

### **Introdução**

#### **Capítulo 1.** Por uma tipologia embasada na convivência

1.1. Catadores de recicláveis: perfis tipológicos buscados nas formas do trabalho P. 09

A menos valia da menos valia P. 13

No encaço de um novo perfil tipológico P.14

Uma tipologia firmada nos diferentes tipos de transporte de carga P.15

A diversidade dos tipos de catadores e suas variadas formas de sobrevivência.  
P. 18

1.2. A construção de uma tipologia dos habitantes de rua nas ruas P.20

Aspectos fisionômicos e identitários da amostragem dos habitantes de rua P.23

#### **Capítulo 2.** A mobilidade nas ruas P.25

#### **Capítulo 3.** Estratégias de Sobrevivência P.29

Trabalhos de sobra P.30

#### **Capítulo 4.** Cultura, estilo de vida, representações identitárias, aceitação e auto-aceitação P.39

#### **Considerações finais** P.42

## A Escola da Rua

### Resumo

*Esta pesquisa se propõe a identificar aspectos do cotidiano de dois grupos sociais que vem progressivamente tornando-se mais numerosos na cidade de Porto Alegre: os catadores de recicláveis e habitantes de rua. Visa buscar, dentro das diversidades, elementos cognitivos- sejam aplicáveis ou não- nas suas estratégias de sobrevivência. Seus estilos de vida, suas representações identitárias, seus diferentes tipos de auto-aceitação, aceitação, valores e comportamentos são peças cruciais que formam as relações da vida nas ruas. Na perspectiva de buscar respostas pelas causas menos evidentes da progressiva exclusão sócio-espacial desses indivíduos a pesquisa pretende entender os ensinamentos básicos da escola da rua não pertencentes às instituições sociais formais.*

Palavras-chave: habitantes de rua; catadores de recicláveis; estratégias de sobrevivência; elementos cognitivos; representação.

### Introdução

“O Beco do Lixo era um cortiço, com bebedeiras, discussões e brigas todas as noites e a fome campeava. Apesar de tudo, Tom não se sentia infeliz. Como todas as crianças do beco viviam daquele modo, ele pensava que devia ser normal. [...] Seja como for, a vida de Tom corria bem [...]: pedia esmolas só pra salvar a pele, pois as leis contra a mendicância eram severas.”<sup>1</sup> Deste modo é descrita a infância de Tom Canty, o menino miserável do célebre *O Príncipe e o Pobre*, de Mark Twain, obra literária infanto-juvenil, dentre outras, que povoaram minha mente na adolescência. História na qual um mendigo e um príncipe trocam de papéis. Ainda que de forma totalmente distorcida por ser um texto romântico, esse foi um dos meus primeiros contatos fictícios com a noção de mendigo. Logo em seguida, pude observar de forma real alguns desses representantes próximos a minha rotina à medida que na década de oitenta morei em um prédio numa rua que fazia esquina com uma avenida movimentada e, ao lado da minha residência basicamente dormiam debaixo da marquise três mendigos homens e uma mulher. Tal mulher me impressionara muito na época com seus escândalos freqüentes nas ruas nos quais berrava e se despia em mais uma de suas crises agudas psíquicas provenientes em grande parte do álcool. A situação era trágica e cômica, paradoxal também já que em

---

<sup>1</sup> Segundo capítulo do livro *O Príncipe e o Pobre*. Twain (1979, p.8)

momentos mais sóbrios, ela era educada e simpática. Passados mais de vinte anos, pude analisar com maior maturidade esse *flashback* e obter a consciência de que aquela mulher sofria de transtornos sérios pelo seu estado de penúria e dependência química.

À medida que adentramos no século XXI, o problema da pobreza e da mendicância no Brasil se torna gravemente crescente. Pois bem, este trabalho de pesquisa parte da problemática relativa à progressiva população de pessoas que tiram o seu sustento da coleta de matérias dispensados nas ruas bem como daqueles que as usam como meio de vida para sobrevivência e abrigo: são os catadores de recicláveis e habitantes de rua.

Através dos relatos de catadores de resíduos recicláveis e de habitantes de rua esta pesquisa etnográfica se faz com a intenção de apurar traços da cultura da rua e elementos cognitivos que se adquirem nela entre os adultos livres e, em principal, aqueles que já passaram dos trinta anos de idade e vivem em Porto Alegre. A questão tipológica da faixa etária obteve formação enquanto a pesquisa atuava. A importância desse estudo não se dá nas questões de ordem demográfica embora se reconheça que esses grupos são dispersos e numerosos, nem tampouco se objetiva polemizar sobre a ineficiência do poder público para sanar o problema da falta de estruturas básicas de dignidade a esses indivíduos. O foco da pesquisa se voltou para as estratégias de sobrevivência que levam ao surgimento de destrezas particulares à tipologia desses sujeitos as quais montam o cenário multicultural das ruas. Dentre outras, uma das causas primordiais que acarretaram o norte desse trabalho acadêmico não originou em sala de aula, mas, sim, nas próprias ruas ao perceber o olhar generalizado dos ditos cidadãos quanto aos trabalhadores braçais que buscam nas calçadas e lixeiras a sua fonte de renda (catadores) e habitantes de rua. O estigma da vagabundagem, do fracasso<sup>2</sup>, da impotência quanto a esses grupos é a máxima opinião na maior parte dos casos. Informalmente falando, mendigos e papeleiros são mal-vistos e malquistos pela sociedade em geral.

O contato direto com eles por meio de relatos de conversas e observação obviamente se deu numa certa amostra e, a partir disso, foram realizadas as constatações. Ao mesmo tempo em que as concepções genéricas por parte da sociedade são preconceituosamente pré-estabelecidas a respeito desses sujeitos, não se deve pegar como via de regra os

---

<sup>2</sup> O professor psicólogo e pesquisador de população de rua e uso de drogas da USP, Walter Varanda fala que tais estigmas levam ao distanciamento das estruturas sociais. (Revista Sociologia).

resultados apurados dentro dos estudos de caso da pesquisa aqui mencionada. Tratar o objeto da pesquisa dessa maneira seria olhar erroneamente para o trabalho uma vez que os aspectos conclusivos sofrem alterações contextuais. Outro fator de causa é uma curiosidade há tempos enraizada em mim: de onde se tira a resistência física, emocional e psicológica para suportar a situação aviltante, indigna das ruas? As respostas certamente não seguiram um mesmo curso até mesmo porque a partir do instante em que me propus a ser um observador participante me dei conta que esta é uma indagação carregada de juízo de valor: algo que não procede ao pesquisador que se utiliza de uma “perspectiva em ação”.<sup>3</sup> Isto é, as informações são apuradas não de acordo com a minha percepção pré-estabelecida do meio, mas sim pelo próprio “andar” das ações no tempo e no meio com as suas variáveis conjecturais. Em consequência dessa técnica, pude perceber outros aspectos no grupo de catadores e habitantes de rua quanto ao perfil tipográfico. As representações pessoais de suas vidas são mescladas com fatos reais. É claro que todas as pessoas num meio social fazem isso, entretanto, nesses indivíduos há uma ordem mais exagerada. Algo que garante a sobrevivência tanto ao persuadir o outro quanto na questão da sua auto-aceitação. Tal assunto será melhor desenvolvido no capítulo 4.

Na perspectiva de ir à busca dos motivos menos explícitos à exclusão sócio-espacial, do direito à dignidade e cidadania que aqueles mais óbvios como as altas taxas de desemprego e baixa qualificação profissional, o estudo vai de encontro direto às questões pessoais desses sujeitos amostrados quanto a sua visão de acreditar na importância do âmbito institucional, basicamente na família e escola assim também quanto aos níveis de consciência que eles têm como seres atuantes de suas próprias vidas.

A pesquisa etnográfica é conduzida num contato direto aos grupos, valendo-se da observação participante de pesquisador- camarada.<sup>4</sup> Tal qual uma espécie de parceiro das ruas, o pesquisador-camarada fornece pequenas ofertas em dinheiro, coisas de subsistência, auxilia nas atividades de rotina: inclusive nos trabalhos individuais e coletivos, vigia pertences dos sujeitos e principalmente “ouve” relatos, experiências,

---

<sup>3</sup> De acordo com Show e Anderson essa terminologia foi desenvolvida num estudo sobre o mundo dos usuários de heroína feito por Gould et al. (1974). Eles conceituam “perspectivas em ação’ como relatos [...] formulados com um fim específico numa situação natural que é parte de uma ação corrente; por exemplo, uma pessoa moradora de rua pede dinheiro a um transeunte.

<sup>4</sup> Anderson (1976), Harper (1982), Liebow (1967) e Whyte (1943) são citados por Snow e Anderson para conceituar tal termo. (1998, p.53)

representações e história de vida sem fazer juízo de valor. É fator extremamente relevante a astúcia e capacidade do pesquisador em se deixar aprender progressivamente e, com isso, ficará mais fácil e enriquecedora a sua pesquisa à medida que novos dados são apurados.<sup>5</sup> Com o propósito de não atrapalhar as técnicas, procurei usar roupas que não merecessem nenhum tipo de destaque, status ou conotação caricatural nas saídas de campo, ao mesmo tempo, que nunca me fiz passar por nada além de pesquisador.

Dispensava em todas as saídas o uso de materiais técnico-didáticos tais como canetas, blocos ou cadernos. Lancei mão de associações entre memória visual e auditiva, percepções de vivência (tanto as do passado quanto as provocadas no decorrer da pesquisa) e sensações subjetivas para compor o diário de campo escrito já em outro momento. A formação dos grupos tipológicos se construiu ao longo da pesquisa porque de começo o interesse partiu das rotinas corriqueiras de catadores de materiais recicláveis que seguiam um trajeto entre os bairros Glória, Azenha e Menino Deus. À medida que a pesquisa se sucedera surgiram obstáculos devido à excessiva transitoriedade dos catadores nas ruas em busca do seu material de venda. Isso não trouxe empecilhos no sentido de montar e fundamentar uma tipologia. Contudo, nas particularidades de conhecimento os resultados foram rasos. Mas apesar disso, há relatos muito ricos quanto à alteridade de elementos cognitivos para tirar proveito das ruas. Além disso, eu já havia despertado a curiosidade àqueles indivíduos habitantes de rua que também carregavam recicláveis no terminal de ônibus Parobé, Bairro Centro de Porto Alegre. Pois, meu itinerário na atividade de professor passa por ali. No entanto, a mobilidade destes é mínima se comparada aos catadores perambulantes uma vez que ali o grupo em questão fica visando receber doações, fazendo trocas e vendendo produtos e mercadorias, pois o fluxo de pessoas que sobem e descem nos ônibus diariamente se dá a casa dos milhares. É claro que para a ideia de se aproximar dos sujeitos pesquisados com a maior espontaneidade possível seja concretizada de modo convincente, eu não posso usar um português formal ou acadêmico. Os termos devem ser mais coloquiais, mas também naturais, sem simulações de fala. Ao mesmo tempo em que as falas daqueles entrevistados não merecem ser transpostas para a linguagem formal. Exemplifico ao abordar um papeleiro idoso durante a primeira pesquisa de campo (fevereiro de 2011) que estava lendo o jornal debruçado em seu carrinho. Perguntei a ele se no jornal havia muita tragédia. Não sei se ele não me entendeu ou não queria

---

<sup>5</sup> Para tal procedimento Snow e Anderson (1998, p.52) citam McCall e Simmons (1969, p.29).

muita conversa. Limitou-se a responder: “Tô vendo um bagulho no jornal.” Com isso, quero frisar que as expressões êmicas<sup>6</sup> serão apresentadas com o intuito de levar ao leitor maior visibilidade à cultura de rua e, para mais que isso, perceber valores compartilhados e contraditórios entre os habitantes de rua. Portanto, o ponto é revelar a experiência vivenciada do fato pelo pesquisador da maneira mais fidedigna. De acordo com as palavras de Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Expressões próprias de um grupo

<sup>7</sup> Notas sobre a experiência e o saber de experiência (LARROSA, 2002, p.19)



## **1. Por uma tipologia embasada na convivência**

### **1.1. Catadores de recicláveis: perfis tipológicos buscados nas formas do trabalho**

No sentido de investigar diretamente os catadores de resíduos recicláveis que povoam a cidade de Porto Alegre, as saídas de campo foram realizadas antes de qualquer anotação prévia. A prioridade de início era estar em contato direto com este grupo de trabalhadores, ou seja, tomar uma estratégia de aproximação para captar seus esquemas de cognição no próprio fazer. Além disso, suas relações com aqueles que pagam pela sua coleta também eram importantes à medida que isso determina o sucesso ou fracasso dos resultados das estratégias de sobrevivência aplicadas.

A preocupação com a contextualização representa outro aspecto de suma relevância à medida que a os fatos (ações nos meios sociais e vice-versa) desestabilizam as tipologias construídas.

Estabelecer um trajeto de deslocamento pensando em saída e chegada à medida que se sabe que os catadores são um grupo altamente itinerante foi uma tática a qual mostrou bons resultados. As saídas sempre foram feitas pela Avenida Oscar Pereira, lugar onde mora um amigo fotógrafo. De lá, resolvi iniciar o trajeto porque notei que havia um bom fluxo de catadores durante a semana. O motivo desta grande movimentação veio à tona depois que descobri que há numa rua perpendicular à Oscar Pereira um grande ferro-velho que compra e vende toda a variedade de recicláveis, em especial sucatas de ferro. Tal descoberta se deu por intermédio de um catador que se chamava Raul morador do Morro da Conceição. Travei primeiro contato com ele na segunda saída de campo. Eu me identifiquei como pesquisador dizendo que estava realizando um trabalho sobre pessoas que fazem a coleta para reciclagem. Logo, perguntei aonde ele ia levar tanto ferro do seu carrinho de mão. Respondeu nesses termos: “Vô leva lá no Rolha. O Rolha paga bem pelo quilo do ferro. Paga um real por quilo.” O ferro-velho do Rolha ficava bem próximo dali onde nos encontramos na Rua Dom João VI.

Ainda com referência aos trajetos- a primeira e a segunda saída de campo se fizeram basicamente iguais. Com saída de percurso na Avenida Oscar Pereira e chegada na Avenida Padre Cacique, próximo ao Estádio Beira Rio, onde existe um galpão de reciclagem. Este deslocamento se deu pela ocasião de me deparar com um catador que se mostrou disposto a participar da pesquisa.

Pude notar que apesar da pesquisa de campo ter iniciado no último verão, estação menos povoada da cidade de Porto Alegre, havia bastantes catadores de recicláveis exercendo sua atividade. Na primeira saída de campo os termômetros marcavam 28/29 graus de acordo com os registros desse dia. O sol castigava a todos.

De acordo com tal constatação acima mencionada realizei a primeira taxonomia<sup>8</sup>, a princípio provisória pela incerteza preliminar, depois definitiva - todos os catadores que tive contato direto ou somente observação tinham o reflexo da ação do sol. Tal fenômeno climático está diretamente ligado à contextualização<sup>9</sup>, no caso a estação do verão e traduz uma máxima tipológica nesse grupo perscrutado. Eram bronzeados independente de cor de pele. Lembro de um catador que possuía cabelos loiros e barba ruiva e a sua pele era mais avermelhada devido a baixa capacidade genética de pigmentação. Apesar disso, notava-se nele o efeito solar. Eu particularmente na saída de campo número um tive problemas de ardência de pele provenientes dos excessivos raios solares.

A Rua Dom João VI- perpendicular à Av. Oscar Pereira- tem a sua continuação na Avenida Niterói. Foi nesta última que contatei com Darci, catador de recicláveis há uns seis meses que devia estar na “casa” dos vinte e poucos anos. Ofereço cigarro a ele e me apresento como pesquisador de catadores de recicláveis. Pergunto se posso acompanhá-lo no percurso de longe para não atrapalhar a sua atividade. A minha idéia consistia em observá-lo de longe sem muito contato para não inibi-lo de início. Sua resposta é positiva. Com o tempo, durante o percurso, fui me aproximando.

Darci carrega um carrinho de mão, desses típicos de carregar cimento e tijolos. Ele recolhe garrafas “pets” encontradas na calçada. Nas lixeiras laranja em forma de capsulas ele fusa para encontrar outras “pets” ou alguma “latinha” de alumínio que segundo suas palavras é o objeto mais valioso- “o alumínio vale mais que todos (os outros materiais) em qualquer lugar que eu vender. Mas tem cara que pagá mais, outros menos.”

A minha percepção ambiental revela quanto o descaso das pessoas e da coleta regular de lixo feita por caminhões a respeito da limpeza urbana é preocupante. Noto que a coleta aconteceu ontem ou algum dia antes e os resquícios permanecem nos cantos, porém isso

---

<sup>8</sup> Para melhor compreensão de uma análise taxonômica ver Snow e Anderson (1998, p.72)

<sup>9</sup> Para melhor compreensão de contextualização ver Snow e Anderson (1998, p.47)

não importa para Darci. A maioria das pessoas não separa o lixo orgânico do lixo reciclável. As preocupações ambientais são minhas embora a não separação das espécies de lixo dificultem o trabalho de Darci. Já passando por uma praça na Niterói, Darci atravessa a rua e vai de encontro a dois sacos bem cheios e grandes. O primeiro não lhe pareceu interessante porque a textura do toque indicava somente material orgânico. O outro se mostrou uma agradável surpresa tendo em vista que estava repleto de garrafas “pets”. Resolvo ajudar Darci a botar esse saco no carrinho. Percebo e ele também percebe o meu desajeito. Bourdieu reflete Sartre quando fala na questão da função social diferir da idéia do ser social fingindo assim desempenhar um papel.<sup>10</sup> No caso, o meu auxílio a Darci na sua função própria foge do meu destino social na visão dele e na minha também. Esse estranhamento entre pesquisador e pesquisado assume extrema importância a partir do momento em que descubro um elemento cognitivo novo.

Depois de quase meia hora cruzamos a Niterói com a Carlos Barbosa. Novamente Darci descobre sacos com garrafas “pets” chutando-as. Dessa forma o trabalho é mais rápido porque não precisa se agachar para apalpar as sacolas. Nosso percurso é dentro do silêncio, ou seja, mais funcional do que dialogal. Resolvo fazer o mesmo (chutar sacos de lixo para descobrir recicláveis). Ao descobrir uma boa sacola, enfio no braço como uma bolsa. Esse conhecimento eu aprendi olhando catadores pela janela do ônibus que eu pego para ir à escola.

Antes de chegarmos na Av. José de Alencar paramos numa praça para beber água e fumarmos cigarros. Lá está presente um casal de catadores com muito material reciclável espalhado ao redor do seu carinho. Eles estão separando as coisas em categorias: metal (alumínio, ferro, cobre), plástico, papel, vidro. Ficaram meio resabiados de eu e o Darci chegarmos ali.

Darci não quis muito contato com os outros “colegas trabalhadores”. Queria mesmo e parar e descansar.

Depois disso, seguimos pela José de Alencar. Tal parte do trajeto foi a mais movimentada. Carros, pedestres, mas poucos catadores, aliás, quase nenhum. Deparamos com dois em toda a avenida até a Av. Padre Cacique.

---

<sup>10</sup> Bourdieu (2011, p. 88-89)

Na Avenida José de Alencar eu tenho outra percepção do meio. Resolvo atravessar a rua e deixar Darci trabalhando sozinho. Ele está bastante envolvido em seu ofício para aparentemente não perceber (ou já se acostumou) que as pessoas apressadas olham rapidamente para ele com um sentimento que na minha percepção de observador participante remete a uma junção de cautela e constrangimento. Outros transeuntes demonstram olhares de compaixão associados a receio. E, por fim, percebo que há aqueles que ficam entre uma rápida olhada de incomodação para seguir no agir de desprezo. Aqui diria que os catadores e habitantes de rua agem com uma espécie de “apropriação territorial pública” a qual não é de fato tão desprezível quanto parece. Pois, se a presença ao transitar por calçadas e ao manusear o lixo não passa como algo “batido” o sujeito é notado. Ainda que malquisto, ele se faz célula do corpo social.

Ao chegarmos na esquina da Av. José de Alencar com Av. Padre Cacique, paramos debaixo do viaduto presente ali. Eu já estava bastante cansado. O calor estava insuportável. O que dizer então do Darci?

Em uma das paredes de pedra do viaduto dormia encostado um homem velho moribundo cujo aspecto era lamentável. Observo e analiso todos os objetos dispostos ao redor do homem. São latas grandes de ervilha e milho utilizadas como panelas, pedaços de tábuas de caixotes que servem de lenha, palitos de churrasquinho que servem de colheres.<sup>11</sup> Meu olhar com relação ao homem é de compaixão ao passo que deixo bananas próximo do seu leito improvisado de papelão. Darci resolve falar: “pelo menos eu não tô assim, tô tramando<sup>12</sup>, trabalhando.” Há aqui presente um elemento próprio da sociedade também presente na cultura de rua conforme foi constatado em casos de outras pesquisas de campo: apesar do catador viver em condições tão desprezíveis à visão da sociedade quanto o habitante de rua, ele se coloca numa posição social hierarquicamente superior por não estar debilitado e trabalhando. A idéia de status sócio-econômico é cabível aqui<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Magni intitula esses nichos convertidos em espaços domésticos como sítios arqueológicos urbanos. Tais adaptações podem ser consideradas produtos das particularidades cognitivas dos habitantes de rua nas suas diferentes estratégias de sobrevivência.

<sup>12</sup> Trampar na gíria significa trabalhar.

<sup>13</sup> No filme O pescador de Ilusões Robin Williams interpreta um professor de história que virou mendigo ao sofrer um grande trauma. Ele explica a Pary, um DJ falido que certo empregado de uma empresa ao levar estorvos do seu patrão lhe dá esmolas para se sentir socialmente menos subalterno.

## **A menos-valia da menos-valia** <sup>14</sup>

Chego com Darci no final do percurso. Ao passarmos pelo Estádio de futebol Beira-Rio, mais uns 200 metros em direção ao sul se situa um galpão de reciclagem (termo mais próprio ao local de venda do material comercializado pelo trabalho do catador embora no diário de campo tenha me valido ainda que preconceituosamente de “depósito de lixo”). Estava ajudando Darci com o carrinho e quando chegamos, eu o entreguei para ele para permitir que comercialize o material do dia. Fiz isso também como investida para investigar o espaço. O galpão é formado por um aglomerado de tábuas e telhas de zinco com sacos grandes por toda a parte separando os materiais por categorias. Existem também sucatas de eletrodomésticos; dispersos num pátio cuja parte se volta para o lado da avenida ficam quatro ou três carrinhos de supermercado, diferentes daquele utilizado pelo Darci. Uma mulher negra vistosa pela beleza, mas envelhecida pela vida resolve atender Darci e o leva até a balança para a medição do peso dos materiais. Ele começa a retirar todos os materiais comercializáveis do seu carrinho. Vejo nas anotações da mulher que ela contabiliza centavos. Percebo que depois da pesagem ela calcula um por um dos itens em porcentagem para depois somar seus valores um a um. O valor total é terrivelmente revoltante e indigno: dois reais e setenta e cinco centavos. Por cerca de três horas de trabalho enquanto eu estava com ele. Darci demonstra um sentimento de chateação e desânimo. Nisso, mudo a situação a partir do momento em que pergunto a mulher quanto custa seus carrinhos de supermercado. Ela diz que não vende; empresta contanto que o use em prol do negócio dela, isto é, todo o material coletado nas ruas deve ser comercializado com ela.

O material reciclável encontrado nas ruas varia conforme bairros e região de Porto Alegre. Não é a toa que catadores e habitantes de rua preferem habitar o centro, pois o lá os materiais são mais abundantes devido às lojas e ao intenso comércio de produtos.<sup>15</sup>

As seis saídas de campo que compuseram essa pesquisa de tipo etnográfico garantiram um elemento cognitivo de suma importância- um comparativo de valores entre os

---

<sup>14</sup> Um trocadilho irônico atribuído pelo conceito de mais-valia de Marx que criou para explicar donde vinha o lucro capitalista, isto é, da abismática diferença de valor dos salários dos trabalhadores se comparado à produção de mercadorias e com os valores dos meios de produção. O trocadilho é devido ao fato da administradora do galpão de reciclagem em condições deploráveis explorar alguém mais deplorável- o catador.

<sup>15</sup> Rodrigues argumentou: “[...] muitos moradores de rua permanecem no centro, até porque uma das suas características – a de coletar papel e outros materiais para reciclagem- tem nessa região seu principal manancial.” (Revista Sociologia)

diferentes materiais recicláveis enquanto objetos comercializáveis. O quadro 1 mostra essa variação em ordem decrescente:

### **Materiais em ordem decrescente conforme valores por quilo**

**Latas de alumínio**

**Folha de sulfite branca (não pode estar amassada, rasgada nem suja)**

**Garrafas Pets (refrigerante e água)**

**Papelão**

**Garrafas de plástico “branco” (de iogurte, leite, detergente, amaciante, etc.)**

**Latas de alumínio “ferroso” (de ervilha, milho, extrato de tomate)**

**Vidro**

**Sucatas de metal (baterias de carro, canos de construção, pedaços de máquinas, outros)**

### **No enalço de um novo perfil tipológico**

A idéia do segundo dia de saída de campo é fazer algum contato com catadores próximos a algum galpão de reciclagem. Fiquei sabendo que lá na Vila Cruzeiro existe uma unidade de coleta de comercialização desse tipo chamada Capatazia. Dirijo-me até lá. Na entrada da Vila Cruzeiro há uma extensa área de asfalto na lateral à esquerda que serve de estacionamento e é ponto de encontro entre adolescentes. Crianças e mulheres perambulam por ali também. Passo por ali e vou ao encontro de uma Kombi. Pergunto ao motorista se ele sabe onde fica a tal da Capatazia. Ele diz que não conhece. Eu agradeço. Então resolvo chegar em um grupo de jovens postado no pavimento próximo a rua Carlos Barbosa. Um rapaz me interrompe e conclui que eu vim perguntar aonde se compra “crack” e vai me indicando o caminho da “boca de fumo”.<sup>16</sup> Eu respondo com uma rispidez moderada que não quero “crack” e sim saber onde fica a Capatazia, ou qualquer galpão de reciclagem. Ele sabe onde fica um espaço próprio para isso.

Entro na rua indicada por ele. O espaço é pequeno - embora não seja a Capatazia procurada por mim - e consiste numa garagem improvisada a qual funciona como comercialização de recicláveis. Há um rapaz parecido com um indiano que deve ter em torno de quinze, dezesseis anos pesando o material. Sendo atendido por ele, está um homem branco de barba e cabelo branco e pele curtida pelo sol cuja idade deve variar

<sup>16</sup> Lugar onde se comercializa e se consome drogas.

entre 50 e 60 anos, ao menos de aparência. Do lado de fora, está uma mulher negra com alguns sacos de lixo. Ela olha para dentro da garagem dando a impressão de estar junto com o homem de cabelo branco. Eu concluo que se trata de um casal. Mais uma vez me identifico como pesquisador de trabalhadores com materiais recicláveis tanto para o casal quanto para o rapaz que trabalha na garagem.

Considerando a figura do catador em conformidade com as minhas constatações de observação participante e não-participante para dizer que na maior parte das vezes ele é um trabalhador solitário.

Quando estão acompanhados se restringem a andarem em duplas: nesta especificação andam casais - de acordo com o que vi nessa segunda saída de campo tal como na primeira em que me deparei com outro casal - e homens parceiros de ofício. Em situações nas quais estejam presentes mais de duas pessoas fica registrado que observei famílias de no máximo três filhos juntamente com o casal de pais ou responsáveis coletando material em carroças. Por falar nesse transporte tão comum em Porto Alegre como forma de sobrevivência o próximo perfil de tipologias do catador diz respeito aos diferentes meios de transporte e armazenagem dos materiais recicláveis.

### **Uma tipologia firmada nos diferentes tipos de transporte de carga**

Aquilo que é proveniente do consumo exacerbado da sociedade contemporânea acaba sendo a fonte de renda dos catadores. Produtos industrializados cujas embalagens são descartáveis nas ruas se transformam nas mãos do grupo de catadores ainda que em valores mais baixos em dinheiro. Trata-se sob certo aspecto de um processo paradoxal uma vez que as classes economicamente mais abastadas são as que possuem maior possibilidade de acumular bens. Em contrapartida, aqueles desprovidos de condições financeiras mais favoráveis acabam tendo que sobreviver do acúmulo de materiais descartados (lixo) das camadas mais altas.

É evidente que entre o grupo de catadores de recicláveis aqueles que tiverem maiores estratégias de sobrevivência quanto ao armazenamento e ao transporte da sua carga, terão maior mérito nos resultados econômicos.

Carregar pesados sacos de lixos nas costas com dezenas de garrafinhas “pets” e latas de alumínio em nada é tarefa fácil, mas dessa maneira que se dá o transporte mais elementar e acúmulo de materiais recicláveis. São numerosos os catadores trabalhando dessa forma. Maiquinho, um habitante de rua e também catador me disse em certa

abordagem que havia vendido o seu carrinho de supermercado para Gremista, outro habitante, por cinco reais e, portanto, estava coletando e armazenando num saco plástico grande. A posse de algum tipo de transporte de carga de recicláveis não se constitui uma tipologia fechada.<sup>17</sup> O catador pode trocar, perder, vender, adquirir ou se desfazer do seu carro por várias razões. Tal classificação é válida enquanto se considera o catador agente de ação da coleta dos materiais recicláveis nas ruas.

Pode parecer um descompasso absurdo para quem vê de fora, porém, para os catadores usuais ter um carrinho, e se esse ainda tiver em boas condições, representa grande probabilidade de “ganhar o dia” entre outros fatores.

Além do grupo que leva seus materiais somente em sacos pelas ruas, há aqueles que portam um carrinho de feira que conquanto que não se possa carregar muita coisa parece confortável de manuseá-lo.

Existem casos de catadores, inclusive o caso de Darci, catador da primeira saída de campo, que utilizam o chamado carrinho de mão. Não é muito comum nas ruas.

O mais comum transporte de materiais recicláveis é o carrinho típico de supermercado.

Em todos os bairros que trafeguei encontrei catadores com “carros” desse tipo.

Outros trabalhadores lançavam mão do carro característico para esse serviço. Consiste de um carro de duas rodas o qual possui um puxador na parte dianteira como uma espécie de compartimento onde vai o condutor do mesmo. Esses exemplares são muitas vezes construídos pelos catadores como podemos ver nas palavras de um velho aposentado que fazia a coleta como complemento de renda na Avenida Voluntários da Pátria no final do verão passado: “Fui eu mesmo que fiz esse carrinho; ele é todo de madeira forte e eu pus rodas de automóvel para ficar mais forte. [...] também pintei o “carro”.”

---

<sup>17</sup> Ver Snow e Anderson para maior esclarecimento sobre a construção de uma tipologia (1998 p.71-120)





Carro característico para a coleta de materiais recicláveis, de latão soldado e rodas de automóvel. (Foto de Zezé Carneiro).

O quadro 2 a seguir organiza os diferentes tipos de transporte de carga dos materiais recicláveis:

**Tipos de transporte de carga dos materiais recicláveis em ordem crescente de capacidade de armazenagem**

<b>Pedestres</b>
<b>Carros de feira <sup>18</sup></b>
<b>Carros de mão típicos da construção civil</b>
<b>Carros de supermercado</b>
<b>Carros de duas rodas característicos para a função</b>
<b>Carroças</b>

As carroças muitas vezes têm um espaço similar em termos de volume que um carro de duas rodas típico para a coleta. No entanto, no primeiro caso a força motriz é um cavalo- isso possibilitada maior armazenagem- e no outro um homem o que torna os tipos bem diferenciados. Contudo, os carros de duas rodas podem transitar e serem estacionados em calçadas.

**A diversidade dos tipos de catadores e suas variadas formas de sobrevivência**

Examinando novamente o grupo de catadores nos bairros que percorri- Glória, Menino Deus, Azenha, Centro- de acordo com as averiguações percebe-se que esse trabalhador informal em sua maior incidência transita solitário pelas ruas. O gênero masculino é predominante. Nos habitantes de rua o fenômeno se repete.

As ruas não são fáceis para as mulheres devido à aliciação. Portanto, aquelas que exercem a função de coleta dos recicláveis estão juntas com seus companheiros.

Isso não significa que não haja exceções: observei mulheres solitárias em seus carrinhos; aliás, na primeira saída de campo havia uma mulher “puxando carrinho” com uma criança de mais ou menos dois anos de idade dentro dele. Mas é infreqüente.

Quanto à diversidade étnica, os tipos se mostram muito amplos. Há homens mestiços claros, escuros, brancos, negros, jambos, entre outras variações. As mulheres embora escassas também seguem uma amplitude étnica e de estatura - são altas e baixas, magras e gordas, brancas (loiras e morenas), indígenas, mulatas, negras Não obedece nenhuma

---

<sup>18</sup> Importante mencionar que esse tipo de transporte pode carregar menos carga do que um pedestre se este tiver disposição para armazenar em seu corpo um maior volume de materiais recicláveis.

ordem de indumentária à exceção de portarem chapéu, normalmente boné porque o sol castiga a todos.

Com relação às faixas etárias, as variedades também se revelaram grandes. Das mais diferentes idades, jovens adolescentes, recém adultos, homens de meia idade e idosos percorrem as ruas na busca por recicláveis. Mulheres também têm idades diferenciadas. As estratégias de sobrevivência por sua vez estão condicionadas às questões individuais e também do meio sócio-econômico. Lanço mão de duas falas para ilustrar a diferença de estilos de vida na cultura da rua de dois catadores para abordar o quanto isso é determinante para causar variações nas estratégias de sobrevivência.

A primeira é de um velho catador que tive contato pela primeira vez na Avenida Voluntários da Pátria: “[...] tenho este “carro”; vô fazê otro pro meu filho trabalhá sozinho já que agora pur enquanto ele tá me ajudando.” Este catador vê o trabalho de uma forma mais prospera tanto é que pretende expandi-lo ao construir outro carro para que o filho tenha condições de juntar o seu próprio material.

Já na fala de Marujo, catador e habitante de rua do Centro de Porto Alegre, a coleta visa unicamente um objetivo: “Passo o dia inteiro juntando “pets” e latinhas prá compra uma canha no fim do dia.” Marujo embora viva nas ruas, possui trabalho remunerado ainda que irregular. Veremos o seu perfil próprio nos capítulos próximos.

Os apontamentos dizem que há catadores que trabalham diariamente com esmero e disciplina, há outros que são casuais. Quero detalhar que no caso dos casuais, não fazem a coleta diária sempre porque arranjam outras atividades mais vantajosas de remuneração ou porque estão tão debilitados devido à drogadição e (ou) álcool que não possuem condições físicas para trabalhar.

A transitoriedade característica do catador de produtos recicláveis pelas ruas- a mudança constante de espaços urbanos em busca de melhores coletas dificultou formar uma amostragem de indivíduos e isso me fez manobrar a pesquisa para outro grupo de estreita ligação com esse anteriormente mencionado: os habitantes de rua.

## 1.2. A construção de uma tipologia dos habitantes de rua nas ruas

É uma tarde ensolarada tipicamente primaveril. O sol está relativamente quente, mas paira no ar uma brisa até mesmo porque o Guaíba<sup>19</sup> fica bem próximo daqui. Desço do ônibus na Estação Mercado, entro em um bar-restaurante para comprar um maço de cigarros e de lá me dirijo à estação de ônibus denominada Parobé. Vou ao encontro de um habitante com o qual já travei dois contatos superficiais. Outrora, há uns três meses atrás, havia dito que retornaria para efetuar algumas entrevistas com ele e outros habitantes. Ao abordá-lo, lembro-o dos meus planos me identificando mais uma vez como pesquisador daqueles que habitam as ruas. Ofereço-lhe um cigarro. Ele prontamente aceita e elogia a marca do mesmo. Neste instante, chega uma mulher de baixa estatura usando uma muleta no braço direito com uma mochila preta bem carregada. O homem me apresenta a ela. Ela parece ser bastante simpática. Sentamos os três ao lado da escadaria que dá para o subsolo da estação onde ficam os banheiros públicos. Ali fica uma espécie de proteção cúbica de metal protegendo marcadores hidráulicos. As pessoas a usam como assento. Eu sento juntamente com Vânia, a mulher da muleta. O outro homem conhecido por Marujo se senta no chão e tira de sua sacola de viagem uma garrafa de cachaça oferecendo um gole a mim como prova de gratidão pelo cigarro. Todos os nomes são fictícios dos sujeitos pesquisados por questões de ética na pesquisa do tipo etnográfica. Vânia me conta que é ex-habitante de rua e atualmente presta amparo aos habitantes de rua quanto à alimentação e saúde. Logo chega outro homem cuja idade deve ser entre os 25 e 30 anos me oferecendo uma televisão tela plana por 200 reais que está guardada na casa de sua irmã. Eu faço pouco caso da sua oferta. Um pouco mais distante de nós, está parada uma mulher pequena de cabelos crespos e curtos dando sinais evidentes de profunda embriaguez. Ela está oscilando entre continuar a caminhar ou não por causa da apatia e tontura. Vânia se levanta com a sua muleta e recolhe a tal mulher, pede licença para eu me levantar de onde estou sentado para acomodar a mesma. Agora, Vânia sai de cena dizendo que vai buscar um café para a mulher embriagada. Marujo também se levanta para ir ao banheiro. Fico sentado juntamente com a mulher bêbada chamada Cássia e com o homem que me ofereceu a televisão. Fumamos eu e ele cigarros ofertados por mim quando ele novamente me fala da televisão. Eu faço uma expressão de pouco agrado.

---

<sup>19</sup> Lago situado na cidade de Porto Alegre



Vista panorâmica do campo de pesquisa- Estação Mercado Parobé. (Foto de Zezé Carneiro).

Ele percebe e diz que tal eletrodoméstico vem diretamente da loja. Foi comprado por ele inclusive. Fala que tirou também um “home theater” financiado e diz que não pagará nenhuma parcela. Isso me trouxe certa indagação ingênua: “Mas assim o teu nome vai para o SPC<sup>20</sup>.” Ele simplesmente respondeu: “Cara, não tenho nome faz muito tempo!” Em seguida, Vânia retorna com um copo grande de café preto. Apesar de o café ter o fim de “curar” a embriaguez de Cássia, todos os habitantes de rua da volta- Marujo, o rapaz da televisão e inclusive eu- tomamos goles. A cena que se segue é dantesca: Vânia resolve examinar a cabeça de Cássia e constata que ela está repleta de lêndeas. Então, tranquilamente Vânia retira da sua mochila um pente de cerdas extremamente finas e um frasco de creme para cabelos. Ela senta no assento de metal e acomoda Cássia sentada no chão de costas de modo que essa ficasse um pouco mais abaixo. Com os materiais retirados da mochila, inicia a atividade de extração das lêndeas. Marujo se levanta do chão e vai ao encontro de outro homem que está tomando cerveja. Pede um gole que é oferecido prontamente. Este que oferece bebida a Marujo é Salsicha um ex-habitante de rua cuja rotina na Estação Parobé compreende venda de drogas e comércio irregular.

---

<sup>20</sup> Serviço de Proteção ao Crédito: órgão de segurança gerenciador de transações comerciais tanto de pessoa física quanto jurídica.

Pelo fato de eu tomar como tema de observação para a pesquisa os elementos cognitivos aprendidos nas ruas pelos seus habitantes diante de buscarem distintas estratégias de sobrevivência conforme os seus diferentes tipos de valores, representações e aceitações, foi necessário traçar uma tipologia construída em cinco perfis de variação<sup>21</sup>. Na maior parte das situações a sociedade generaliza o indivíduo habitante de rua conforme relatos apurados por pessoas nas filas dos ônibus que eu pego para ir lecionar na escola: “aquele vagabundo cachaceiro”; “eles não querem nada com nada”; “Pô! Porque que não vai pegá uma faxina prá fazê!” “Pode varrê um pátio, trabalhá numa obra”; “Só querem ficá bebendo o dia inteiro!” A minha pesquisa procura buscar novos elementos que fujam dessas frases estigmatizadas da sociedade e descobrir aspectos etnográficos novos. Para tanto, realizei seis principais saídas de campo a fim de descobrir fatores novos. Pode-se justificar a pesquisa nas palavras de Lemos:

O que me levou à pesquisa etnográfica - além de outras questões a que já me referi anteriormente - foi a possibilidade de retornar a campo com um olhar revisitado pelo estudo de novas pesquisas e teorias ligadas a essa problemática e um olhar longitudinal do processo de cada sujeito e da dinâmica atual da rua. Foi a necessidade de não apenas fazer uma pesquisa documental sobre os dados já coletados e sobre as minhas vivências anteriores, mas também de deixar emergir novas descobertas.

O primeiro perfil de variação diz respeito à mobilidade nas ruas. Nem todos aqueles julgados como habitantes de rua podem ser considerados fixos nas ruas. Apesar de existirem casos como o de Marujo que dorme sempre no mesmo ponto segundo relatos de seus pares e outras pessoas que passam pelo centro, há outros que são transitórios por oscilarem entre a passagem por instituições -casa, presídio, hospital- e a rua. Na pesquisa, dentro desse perfil inicial também foram inseridos aqueles que são saídos das ruas, ou seja, são ex-habitantes, porém possuem ainda fortes vínculos com seus “ex-colegas” e atividades de trabalho.

As estratégias de sobrevivência representam um perfil o qual demonstra grandes particularidades pessoais dos indivíduos habitantes de rua. As doações pedidas por eles e ou atos de caridades das pessoas que os assistem. Suas próprias atividades consideradas legalizadas ou não entram aqui nessas variações. O uso de substâncias lícitas ou ilícitas significará aqui forma de sobrevivência uma vez que as drogas podem

---

<sup>21</sup> Snow e Anderson denominaram as variações entre os habitantes de rua como dimensões de contraste. (1998, p.78) Prefiro perfis de variação por acreditar que o termo perfil é mais cabível as diferenças comportamentais objetivas e subjetivas do ser humano.

suprimir ou aumentar o apetite, sedar ou estimular o organismo, proteger contra o frio- no caso do álcool- e até mesmo atenuar angústias e sofrimentos psicológicos apesar de trazer efeitos ao longo do tempo muito mais graves.

O quarto e último capítulo abordará a cultura das ruas, estilos de vida assim como mostrará relatos quanto às representações identitárias, aceitação e auto-aceitação. A questão comportamental que revela um aparente conformismo feliz de liberdade versus a inquietação de não aceitação nas ruas também será pensada nesse capítulo. Por fim, a importância que o indivíduo dá às instituições ditas formais, em especial à escolar, será convocada aqui com a intenção de tentar buscar um fechamento conclusivo.

### **Aspectos fisionômicos e identitários da amostragem dos habitantes de rua**

À medida que as saídas de campo eram traçadas e os contatos iam sendo realizados com os sujeitos que se permitiam à pesquisa a tipologia se fez em si dentro de um subgrupo dos habitantes de rua. Aqueles sujeitos que aparecem na amostragem tiveram no mínimo dois contatos com o pesquisador. Veremos uma espécie de relatório dos onze habitantes de rua incluídos na amostragem. O critério de ordem de apresentação se apresenta do contato mais antigo até aquele mais recente.

**Marujo:** Marujo é um homem branco “rosado” que tem sessenta anos aproximadamente. Possui madeixas e barba alouradas e grisalhas. Ele apesar da idade e tempo nas ruas - oito anos de acordo com seu depoimento - parece um homem forte. De acordo com minhas observações não-participantes, resistiu bravamente ao inverno de 2011, estando já às sete da manhã todos os dias no terminal Parobé. Diz ser natural do município de Cruz Alta. Costuma beber de forma permanente. Algumas ocasiões, Marujo tem alterações de humor- o que leva algumas habitantes de rua a o chamarem de “velho ranzinza” conquanto represente ser “boa gente”. Certo dia estava ventando e chovendo e eu tentava acender o seu cigarro com o isqueiro que por sua vez falhava. Ele puxou o isqueiro da minha mão e disse energicamente: “Me dá isso aqui!” “Tu não sabe acender direito.”

**Lúcia:** Lúcia tem fortes traços indígenas. É uma mulher de estatura mediana que possui cabelos lisos pretos e compridos. Deve ter em torno de cinquenta anos. Nosso primeiro encontro foi conflituoso. O “povo” da rua contou que ela andava desgostosa da vida e agressiva porque a filha não a procurara. Entretanto, se mostrou ao longo da pesquisa gentil, tanto é que se tornou uma das minhas principais informantes-chave. Segundo

seus “colegas” ela normalmente é amável, demonstra decência e fidelidade. Sempre que passo por ele para pegar o ônibus com destino à escola, ela diz: “Vai com Deus.”

**Vânia:** Vânia é ex-habitante de rua. Passou de 1979 a 1989 nas ruas porque em casa seu padrasto depois de algumas tentativas frustradas tentara molestá-la. Possui cabelos na altura do pescoço crespos e grisalhos, tem estatura baixa, é branca e tem uma deficiência física na perna direita. Meus cálculos apontam que ela tem quarenta e oito anos porque me falou que saiu da rua aos 26. Provavelmente é a pessoa nesta amostragem que mais entenda que o fato de eu estar nas ruas represente uma pesquisa embora não saiba muito bem seus objetivos. Por isso, se tornou a minha principal informante-chave. Vânia presta aos “ex-colegas” serviços de assistência tanto de saúde como alimentação. Já me disse uma dezena de vezes e falará novamente: “Venho pra cá prá fazê curativo neles. São tudo meus amigu. Trago pomada, cumida. Cuido de todos.” De fato, dentro das suas limitações, cuida mesmo.

**Cássia:** Cássia dificilmente não está bêbada ou de ressaca. É uma mulher pequena, branca com cerca de quarenta anos, de cabelos curtos e crespos. Gosta de beber e andar com seus amigos homens, embora diga que eles não são seus namorados, mas simplesmente, amigos. Ao comentar a mim sobre um assédio sexual de Marujo falou: “Essas bagaceirices me anoja.”

**Salsicha:** Salsicha é um homem alto, branco e magro. Ele é ex-habitante de rua. A sua esposa morreu por causa de complicações de saúde dadas ao consumo de “crack” Depois disso, ele foi morar com uma irmã. Apesar dos pesares, trabalha nas ruas comercializando drogas e mercadorias como ambulante. Passa os dias bebendo cerveja e cachaça.

**Gremista:** Gremista é um homem baixo de cabelos fartos, grisalhos e penteados para trás. Deve ter entre 55 a 60 anos. Igual a Marujo, bebe todos os dias sendo inclusive seu “amigo de trago” e até mais do que isso, pois dividem o “namoro” com Tereza, próxima habitante de rua a ser relatada dentro dos aspectos identitários.

**Teresa:** Teresa é uma mulher dos seus quarenta anos, baixa e negra. Pode se perceber que ela tem problemas sérios com bebida alcoólica. Nunca a vi sóbria. Bebe principalmente com Marujo e Gremista com quem mantêm relações sexuais conforme informações de ambos e demais habitantes. Esteve por uma semana em um hospital em virtude de intoxicação alcoólica. Uma vez a ofereci água. Com isso, respondeu: “Tá me achando com cara de quê prá tomá água?!”



**Sérgio:** Sérgio tem quarenta e seis anos. Pude comprovar porque é um raro caso de indivíduo portador de documento de identidade, no caso carteira de habilitação. Não está tão envelhecido para a idade à exceção de seus dentes que são muito amarelados. Tem estatura mediana, pele bronzeada, olhos e cabelos bem escuros. Segundo relato, é natural do município de Uruguaiana. Foi o único da amostragem que ficou admirado quando me apresentei como pesquisador e lhe disse que era professor. Sérgio conhece muito regiões brasileiras. Provavelmente é o habitante de rua com o maior raio de mobilidade. Uma de suas falas: “deveria ter estudado, parei na quinta série e fui trabalhar no campo”

**Pirata:** Pirata é um homem mulato de cabelos compridos. Tem estatura mediana. Oscila entre família, sistema prisional e ruas. Gosta de “beber” com seus amigos. Ele é respeitado nas ruas porque tem relações estritas com traficantes com os quais trabalhara nas ruas e na prisão. Apesar disso, não está mais tão envolvido nessa atividade comercial. Acredito que seja porque não quer fumar mais “crack”.

**Chinês:** Chinês é um homem de cerca de sessenta anos de idade. Tem cabelos brancos e rosto bastante inchado pela bebida. Tem um porte avantajado para um homem da sua idade. Faz poesias para os transeuntes nas ruas em troca de esmolos. Anda sempre com sacos plásticos sustentados por uma vara de bambu coletando recicláveis. Ele está tanto nesse grupo tipológico quanto no anterior estudado porque é habitante de rua e catador de recicláveis de grande transitoriedade.

**Márcio:** Márcio é um dependente químico de cocaína e “crack”. Costuma ingerir bebida alcoólica em caráter eventual. No primeiro contato com ele, relatou-me que recentemente esteve internado no Sanatório Partenon por causa dos problemas com as drogas. Depois que comenta algo normalmente sorri no intuito de conquistar maior persuasão.

## **2. Mobilidade nas ruas**

Tornou-se interessante observar o fato de que muitos indivíduos estão nas ruas em condições diferentes quanto à mobilidade. Alguns sujeitos encaram a rua como um espaço de “socialização divertida”, uma espécie de encontro com o grupo de amigos nos quais podem exercer as suas identidades sem compromisso de convenções comportamentais. Podem falar alto, estarem deitados ou sentados no chão, tirarem os sapatos, (se tiverem) aprofundarem assuntos variados ou contarem piadas. Isto se

comprova no caso de Pirata, 36 anos que me relatou em uma saída de campo: “Aqui é legal. Dá prá bebê, sempre tem cachaça, “crack” não vô porque já parei. Tô legal. Se “tô de rango”<sup>22</sup>, alguém me dá ou consigo cumida.” Pirata também me contou que possui família- mãe e irmãos- morando na Ilha da Pintada<sup>23</sup> e que eventualmente “dá um role por lá”<sup>24</sup>. No dia que eu falei com ele, uma sexta-feira, me disse que tinha saído da cadeia naquele mesmo dia.

Isso faz com que dentro da tipologia aqui empregada eu o considere um habitante da rua móvel, ou seja, de passagem entre instituições e a rua. O curioso disso é o fato de Pirata se sentir extremamente à vontade nas ruas como se já tivesse ali uma consolidação de identidade. Para tanto, Lemos fala sobre isso:

Se um dos ritos de entrada na cultura da rua é a assunção da rua enquanto identificadora de si podemos pensar que a saída da rua dar-se-ia tanto nas oportunidades externas quanto na mobilidade interna (que são complementares) de uma nova territorialidade tanto espaço-temporal quanto identitária.

Se a mobilidade da unidade prisional para a rua e vice-versa representa uma passagem conforme Lemos aborda na questão dos meninos de rua, já para um habitante de rua adulto pode ser considerado um fenômeno cíclico consolidado, uma espécie de “elástico institucional” onde os elementos cognitivos da vida nas ruas servem como reforço à cadeia e do contrário também tendo em vista que as duas impõem subversão à ordem tanto através da habilidade criminosa quanto da violência. Utilizo argumento de Magni para reforçar tal ideia:

[...] outras instituições pretensamente reintegradoras de indivíduos desviantes à sociedade, como o manicômio e a prisão, também imprimem um forte estigma na vida destas pessoas, além de reforçarem a desarticulação familiar, contribuindo assim para a não-fixação.

Ocorreu um único caso excepcional de perfil de variação quanto à mobilidade tipologicamente aqui inserido no item “móvel”- Sergio é um habitante de rua cujas mobilidades são bem maiores que os demais. Ele relata com detalhes que conhece alguns estados brasileiros somente viajando de carona. Às vezes, nessas viagens fica acampado ou se hospeda em locais baratos, mas, que não possui problemas se tiver como única opção o relento. Não me pareceu que ele seja um homem criminoso tanto é

---

<sup>22</sup> Gíria que significa estar com fome.

<sup>23</sup> Ilha situada na orla do Lago Guaíba, Porto Alegre.

<sup>24</sup> Dar um rolé significa fazer um passeio.

que a sua mobilidade é de viagem e não de passagem por presídio ou hospital. Já Marcio que é dependente químico transita entre hospitais e a rua.

Entretanto, ao se falar em mobilidade permanente nas ruas, há de se considerar uma noção de hábito já condicionada à estabilidade apesar das estratégias de sobrevivência variarem bastante. Marujo não tem planos de sair das ruas porque se acostumou a elas tendo aprendido o improvisado de lançar mão dos diferentes tipos de estratégias de sobrevivência conforme contextos e situação. Como me explicou certa vez: “Não preciso de dinheiro, eu tenho dinheiro, tenho cigarro, tenho cumida, tenho tudo.”

Marujo já se acostumara às ruas. Pode-se dizer que conhece a rotina delas, tem a sua própria dentro delas, tem lugar fixo para dormir na rua já faz alguns anos e acima de tudo tem a confiança dos seus pares e outras pessoas que circulam e trabalham pelo Centro. Digamos que já conhece o “beabá” das ruas. Lúcia também se encaixa dentro do perfil de variação mobilidade permanente. Ela sabe se “virar” nas ruas embora não seja tão conformado a elas quanto Marujo. Ela me disse que teve o convite de uma amiga “travesti” para dividir o aluguel num porão da Avenida Voluntários da Pátria, mas que desaprovava totalmente a proposta: “Eu naum vô de jeito nenhum morar num buraco sem ventilação, é só dá um incêndio que acaba cum tudo, naum sobra nada!” Lúcia apesar de volta e meia arquitetar planos para sair das ruas já tem nesse local uma visão como um espaço cuja amplitude territorial apresenta vantagens com relação a um “buraco” na qualidade de moradia de acordo com suas próprias palavras. Da mesma forma de Marujo, ela tem hábitos condicionados das ruas e nas ruas, mas, ao contrário de outros habitantes de rua-inclusive dele- busca auxílio institucional para lavar suas roupas e fazer sua higiene<sup>25</sup>. Ela me disse certa vez:

“Não tô muito perto do Marujo e da Cássia por causa da piolhama, acho que eles tão minadinhos de piolho!”

Se por um lado há casos de habitantes de rua permanentes- independente de estarem conformados ou não- e casos de habitantes oscilantes, móveis entre a rua e as instituições, por outro lado, existem aqueles que já são saídos das ruas, porém conservam laços afetivos, cognitivos e “profissionais” com as mesmas e seus ex-companheiros. É o caso de Vânia que habitou as ruas entre 1969 a 1979 e atualmente presta serviços de assistência a seus ex-pares com alimentos, curativos e remédios.

---

<sup>25</sup> Lúcia freqüenta algumas vezes a Casa de Convivência 2-Ilê Mulher, Rua Gaspar Martins, 216- Bairro Floresta em Porto Alegre.

Vânia não precisa trabalhar para garantir o seu sustento nas ruas porque ganha auxílio governamental por ter ficado inválida de uma perna em virtude de um erro médico. Segundo seus relatos, possui um sítio em Canoas oriundo de uma invasão de terras as quais ganhou em processo judicial de usucapião. Vânia tem moradia e renda, mas a sua identidade ainda habita as ruas. Maiores detalhes referentes a isso serão abordados no capítulo 5. Salsicha também é um ex- sem-teto. Valho-me desse termo porque é a única característica tipológica que o impede de não estar no perfil de variação de mobilidade como permanente. Todas as outras atividades de vida referentes às suas formas de sobrevivência e estilo pessoal estão nas ruas formando o todo da sua cultura própria nesse espaço<sup>26</sup>.

No quadro abaixo há o discernimento quanto aos três diferentes tipos de mobilidade do primeiro perfil de variação tipológico constituído.

Amostragem dos habitantes de rua quanto à permanência, mobilidade e saída (quadro 3)

	<u>permanentes</u>	<u>móveis</u>	<u>saídos</u>
<b>Lucia</b>	*		
<b>Marujo</b>	*		
<b>Cássia</b>	*		
<b>Vânia</b>			*
<b>Gremista</b>	*		
<b>Tereza</b>	*		
<b>Sérgio</b>		*	
<b>Pirata</b>		*	
<b>Chinês</b>	*		
<b>Salsicha</b>			*
<b>Marcio</b>		*	

Pode-se observar nesta amostragem que sete dos onze habitantes são permanentes nas ruas. Dois são móveis e os outros dois restantes são saídos das ruas. Isso se dá numa porcentagem de 63,63 para 18,18 e outros 18,18, aproximadamente. Outra informação constatada é de ordem quantitativa: há mais homens nas ruas do que mulheres. (na tipologia dos catadores tal fator também se evidencia).

<sup>26</sup> Segundo Lemos as características da cultura de rua acentuam-se com o decorrer do tempo de permanência na rua e com a desvinculação gradativa dos laços de parentesco e de outras redes sociais de apoio, o que é, ao mesmo tempo, causa e consequência da dificuldade de circulação por outros grupos sociais. (2002, p.14)

### 3. Estratégias de sobrevivência

Porto Alegre, 10 de novembro, 2011. Já caíram duas pancadas de chuva no trajeto via ônibus de ida do Bairro Partenon ao Centro e de lá para o Bairro Nova Gleba, onde se situa a escola estadual na qual leciono. Na escala que faço no Centro, por volta das sete horas da manhã, já observo pela fila do ônibus alguns moradores como Cássia, Gremista, Lúcia e Marujo reunidos fumando cigarros, se alimentado com pães duros e café preto. A volta da escola até o Centro, por volta da uma da tarde, já é mais movimentada. Pessoas descem e sobem de ônibus. Algumas meio molhadas por terem sido pegadas despreparadas pela chuva. Lúcia, habitante de rua, está fazendo o seu habitual “pregão” no intuito de vender no mínimo um das três sombrinhas que comprou para a propícia situação climática.

A movimentação em geral compõe uma polifonia urbana<sup>27</sup>, mas nem por isso Marujo deixa de dormir. Está exausto numa mistura de embriaguez e insônia causada pelo trabalho informal de vigilância noturna ao qual faz numa banca de flores no Centro.

Ao sair do terminal de ônibus Mercado-Parobé me deparo com Cássia que me pede um cigarro e trinta centavos para interar numa cachaça.

O relato acima não faz parte de uma saída de campo planejada. Entretanto, pelo fato de eu transitar quatro dias da semana pelo espaço sócio-espacial desses habitantes de rua no trajeto do meu trabalho eu pude fazer uma análise sobre as diferentes naturezas das suas estratégias de sobrevivência. Claro, além das saídas propriamente ditas no início do parágrafo.

As particularidades cognitivas individuais tecem a teia do conjunto de formas de sobrevivência variadas nas ruas. Esses elementos cognitivos servem inclusive para blefar com a ordem vigente local que rejeita o trabalho irregular. Importante é deixar claro que as constatações observaram que somente um habitante de rua da amostragem sobrevive de trabalho regulamentado pela lei. Ele trabalha de manhã até as 17 horas na função de gari pela COOTRAVIPA.<sup>28</sup>

Os domínios burocráticos reguladores de trabalho propiciam a própria exclusão do habitante de rua ao sistema sócio-econômico. Pois, para a comercialização de produtos na rua de Porto Alegre é necessário licença da SMIC<sup>29</sup>. Para empregos fixos, se torna

---

<sup>27</sup> Termo empregado por Lemos em sua tese de mestrado (2002, p. 13)

<sup>28</sup> COOTRAVIPA: Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto Alegre.

<sup>29</sup> Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio.

indispensável o quesito documentação, algo ausente entre a grande parte dos habitantes de rua. De um lado, estão as instituições de regulamentação, do outro, os habitantes de rua ilegais- tal fenômeno social torna a noção de direito legal ao trabalho contra a subversão desta ordem pelo não cumprimento da lei em um choque burocrático que empurra o marginalizado para fora mais ainda dos círculos econômicos de inclusão. O que lhes resta são os “trabalhos de sobra”<sup>30</sup>. Associado a tal paradigma, está à baixa ou total ausência de escolaridade provocando ainda uma maior “desinstitucionalização” do habitante das ruas. Fato notado nas falas de certo habitante de rua cujo contato se restringiu há no máximo uma hora:

“Gostaria de trabalhar de gari. Aonde que eu tiro a indentidade di graça? Será que eles (a cooperativa) aceitam quem naum sabi lê e escrevê?”

### **Trabalhos de sobra**

No final da tarde de determinada saída de campo, estava eu reunido com alguns habitantes de rua. Lembro-me que Sérgio, após mais um dia de trabalho na COOTRAVIPA, sentara em um dos lados da rampa de acesso do terminal de ônibus Parobé para cortar latas de alumínio de refrigerante e cerveja com uma tesoura escolar. Fazia cortes longitudinais nas latas, depois as cortava no meio pela largura reduzindo uma das partes de tamanho e por fim encaixava uma parte na outra. As latas artesanalmente modificadas assumiam como resultado um aspecto de objeto-mirim, lembrando brinquedos do próprio objeto outrora lata. Sérgio me reclamara que precisava de uma cola Bonder para ligar as juntas do artesanato. Mas, depois disso, as venderia por no mínimo dois reais. Disse que tal trabalho lhe rendeu uma quantia suficiente para sobreviver “curtindo” um certo verão em Floripa<sup>31</sup>.

Já Marujo, está acordando de seu sono pesado em consequência de mais uma noite de vigia na banca de flores a qual trabalha. Nesse momento, percebe que há latas amassadas deixadas perto do seu colchonete por alguém que no mínimo suspeita que ele as coleta. De fato isso se comprova à medida que ele as coloca em um saco de lixo.

Os dois exemplos de “trabalhos de sobra” relatados acima possuem um elemento em comum: ambos apresentam a lata de alumínio descartada pela sociedade como objeto de

---

<sup>30</sup> Trocadilho pensado em virtude de Snow e Anderson tomarem o termo “trabalho à sombra” do filósofo, historiador e crítico social Ivan Illich para conceituar trabalho irregular (1998, p.237-280).

<sup>31</sup> Ilha turística do estado de Santa Catarina.

troca comercial. No entanto, Marujo a junta com o propósito de reciclagem, já Sérgio a transforma em artesanato.

Snow e Anderson se valem das palavras de Jacqueline Wiseman para explicar a questão do trabalho não-oficial do habitante de rua :

“Quando o homem da zona marginal pensar em ganhar dinheiro, ele deve mostrar engenho em criar algo a partir do nada. Desse modo, ele pensa em termos de objetos, relações ou tarefas de curta duração que podem ser convertidas em dinheiro suficiente para cobrir algumas necessidades atuais—bebida alcoólica, comida, abrigo, eventualidades.”<sup>32</sup>

Aquilo que Wiseman denominou engenho aqui caberá melhor o termo “diferentes particularidades cognitivas”. Elas são explicitamente observáveis nas ruas. Tais particularidades variam de sujeito para sujeito e são construídas dentro de uma gama de razões e efeitos. As perspicácias de cada habitante de rua variam muito a fim de estabelecer, constituir seu perfil quanto às estratégias de sobrevivência. E tais especificidades se determinam e modificam de acordo com os próprios fatores comportamentais e contexto ambiental. E de estilo de vida também.

Pedir doações quanto à comida, cigarros e dinheiro, vender mercadorias não regulamentadas, vender drogas, vender seus próprios objetos, furtar, roubar, catar material reciclável nas ruas compõe a totalidade dos trabalhos de sobra, ou seja, aquilo que sobrou como possibilidade de subsistência.

Veremos a seguir os diferentes tipos de trabalhos de sobra revelados no decorrer da pesquisa bem como aqueles indivíduos da amostragem que se ocupam com eles.

Os trabalhos de sombra estão em ordem de descoberta investigativa.

### ***Coleta de materiais recicláveis***

Como o grupo primeiramente a entrar nessa pesquisa foi o dos catadores de materiais recicláveis fica evidente que, ao mover o foco para o grupo de habitantes de rua, os primeiros casos a serem perscrutados foram justamente os habitantes de rua catadores.

Consta no meu diário de campo que o trabalho de coletar recicláveis é condicionado pelo perfil de variação mobilidade nas ruas dentre outros fatores. O que se pode observar é que aqueles habitantes de rua cuja mobilidade é permanente, ou seja, se

---

<sup>32</sup> Snow e Anderson (1998, p.240)

dispõem fixos nas ruas fazem regularmente a coleta de materiais recicláveis. Por não serem muito nômades conseguem juntar materiais e objetos. Nessa atividade, estão inseridos Marujo, Lúcia, Chinês.

Marujo normalmente é possuidor de um “carrinho” de supermercado. No inverno passado, tinha dois de tamanho médio. Em outubro até hoje, está com um exemplar de grande porte. Por ter que trabalhar durante a noite de vigia (outro trabalho de sobra), acaba dormindo durante o dia, o que torna seus carrinhos alvos fáceis de roubo. Para tanto, ao menos algumas cobertas e roupas ele as coloca embaixo da nuca antes de dormir. Apesar de já terem surrupiado alguns dos seus “carrinhos” ele sempre consegue adquirir outro trocando por objetos ou dinheiro.

A quantidade de coisas as quais Lúcia carrega em seu carrinho dá quase o dobro da altura dele. Eu já a vi tirando do carrinho duas calças jeans semi-novas das quais uma foi dada a Cássia, outra habitante de rua. Ela além de ter seus objetos pessoais ali ainda guarda para possível comercialização os materiais recicláveis coletados no terminal Parobé. Lúcia e Marujo por serem habitantes muito vinculados ao espaço territorial onde vivem preferem vender as suas coletas de recicláveis a outros catadores transitórios que por sua vez venderão no galpão de reciclagem. Eles tiram no máximo um real de dinheiro pela venda do que juntam.

Conquanto que Chinês não possua carrinho, está sempre transitando pelo Centro e Bairro Floresta em busca de materiais recicláveis, guarda todo o seu material coletado em sacos plásticos pendurados em uma vara de bambu. Este habitante vende diretamente nos galpões.

Cássia e Teresa são habitantes de rua permanentes. Mas seus estilos de vida não permitem guardar nem acumular nada. Possuem sérios problemas com o álcool ao passo de não conseguirem praticamente nunca somarem elementos cognitivos para se inserirem em nenhuma estratégia de sobrevivência à exceção da doação de outros habitantes e demais pessoas que circulam pelo centro.

A coleta de recicláveis também é realizada por Vânia. Apesar de ela ser uma ex-habitante de rua, complementa a sua renda assistencial governamental com essa atividade.

### ***Pedidos e doações***



Dentro dos preceitos de reciprocidade das ruas, nenhum habitante de rua nega nada pelo pouco que tem a outro habitante. Esse aspecto aparente de solidariedade é comumente praticado entre os habitantes de rua do campo no qual realizei a pesquisa, em especial dentro da amostragem. Claro que tal normatização das ruas tem sentido à medida que se torna uma estratégia de sobrevivência esse elo solidário.

No caso dos pedidos serem referentes à alimentação, a relação de pedinte-doador é visivelmente espontânea sem maiores questionamentos. Digamos que a recusa de dividir uma refeição constitui uma falta grave nas ruas. Simbolizaria teoricamente que se há algum vestígio de processo civilizatório restante nas ruas ele já está com os dias contados e assim a barbárie que vigora momentaneamente prevalecerá. Então “se encolher”<sup>33</sup> por comida é considerado um tabu.

A respeito de pedidos de natureza secundária, tais como cigarros e bebidas alcoólicas a questão possui algumas restrições: se o sujeito habitante de rua está se mostrando de certa forma um tanto inconveniente, não está “segurando a sua onda”<sup>34</sup>, isto é, quer falar e chamar a atenção mais que os outros numa roda de bebida ou na sua vez de beber abusa da situação querendo tirar vantagem, os próprios habitantes de rua procuram tolher seu comportamento ora o isolando ou rechaçando o mesmo pelo mau comportamento. Então, os pedidos são negados. Assim, quando em certo final de tarde, Marujo e Gremista dividiam um copo de cachaça tamanho grande com outro habitante aparentemente drogado que se fazia salientar o tempo todo lhes contrariando por meio de berros, eles o isolaram e mandaram-no embora.

Por fim, vem a questão monetária quanto à variação no quesito pedido. Ela é comum nas ruas contanto que siga a orientação de somar certa quantia para se comprar algo em usufruto comum. Cássia estava num determinado dia sentada cabisbaixa em um dos compartimentos laterais da estação Parobé balançando em sua mão um punhado de moedas quando Marujo passou por ela. Registro da suas fala:

“Marujo, me dá uns trinta centavú prá me apoiá”<sup>35</sup> numa cachaça?! Daí nós vamú bebê!”

As experiências que eu vivenciei quanto aos pedidos feitos a mim por habitantes de rua vinham mais com relação a cigarros os quais nunca neguei. Um fator curioso se determinou conforme o grau de contatos travados por mim com os amostrados:

---

<sup>33</sup> Na gíria “se encolher” significa não dividir algo com outra pessoa. Pode também expressar falta de ajuda de alguém por outrem.

<sup>34</sup> “Segurar a onda” significa se comportar dentro de determinada situação. Ter bom senso dentro de suas ações.

<sup>35</sup> Vem do verbo apoiar; gíria que significa ajudar, auxiliar, amparar.

inicialmente era comum me pedirem dinheiro ainda que em pequena quantidade e à medida que me tornei mais conhecido esses pedidos foram diminuindo progressivamente. Talvez pelo fato da repetência assumir caráter constrangedor ou até mesmo por me confundirem com eles mesmos sendo sob certos aspectos como aconteceu uma noite: Perguntava eu ao Márcio sobre a fila da janta promovida pela IURD<sup>36</sup> às sextas-feiras em frente ao prédio do Paço Municipal. Obviamente que a pergunta foi feita com intuito de expandir aquela saída de campo. A pergunta dele foi surpreendente em vista do que eu tinha indagado antes:

“Tu tá de rango<sup>37</sup>? Deixei umas cumida lá no Marujo (lugar onde esse habitante dorme) há poco! Se tu qué vamú lá pegá!”

Além da Igreja Universal do Reino de Deus, fazem parte da rotina semanal dos habitantes de rua que transitam pela Estação Mercado-Parobé as doações de grande quantidade de comida realizadas por uma senhora chamada carinhosamente de “Vó”. Segundo relato de Vânia, a principal informante-chave dessa pesquisa, Vó é mãe de um proprietário de restaurante no Centro e as sobras de comidas são levadas por ela a estação para serem doadas. Vânia sempre auxilia Vó no trabalho de doação. Sacos transparentes com grande quantidade de bolinhos de arroz, batata frita, macarrão e mousses são distribuídos em copos plásticos que servem como pratos aos habitantes que andam por ali. Todos da amostragem dessa pesquisa já aceitaram essa doação de Vó.

### ***Tráfico de Drogas***

Esta variedade de trabalho de sobra pode ser considerada uma faca de dois gumes: para se vender drogas nas ruas é necessário a junção de duas habilidades complementares mas que se não estiverem na medida certa podem desmerecer todo o negócio prejudicando o traficante no sentido de perder a droga e (ou) ir preso. Comunicação aliada à descrição parecem características opostas mas é justamente aquilo que dá ao traficante êxito em suas vendas. Salsicha é um habitante das ruas que sabe disso. De acordo com registro feito em diário de campo, Salsicha se mantém discreto ao passo que suas paradas de encontro são breves. Pára para beber uns goles de cachaça com algum amigo habitante de rua, conversa o básico para obter certas informações quanto à

---

<sup>36</sup> Igreja Universal do Reino de Deus

<sup>37</sup> Estar de rango significa estar com fome.

segurança de suas vendas e continua em movimento realizando o seu trabalho. Acredito que “mocozeia”<sup>38</sup> a droga com outros habitantes de rua e homens que circulem por ali mediante porcentagem de seus lucros no final do dia.

No início de determinada noite, Márcio estava desolado. Tinha gasto o pouco dinheiro que possuía para comprar um cartão telefônico. Ligou do Centro para um traficante cujo negócio situa-se numa conhecida “boca de fumo”<sup>39</sup> de Porto Alegre. Seu objetivo era apanhar por consignação certa quantidade de droga para vender no Centro. Ao gastar passagem e praticamente todo o cartão telefônico, seu amigo traficante não tinha aparecido no local combinado com ele. Resultado: voltou ao Centro a pé sem dinheiro.

Das estratégias de sobrevivência consideradas na amostragem dos onze habitantes de rua, o único que se faz ativo enquanto vendedor de drogas é Salsicha. Marcio por ter saído a pouco do sistema manicomial está ainda em fase de procura de integração nas ruas com o intuito de buscar nessa atividade e (ou) em outra qualquer a sua subsistência. Já Pirata levantou algum dinheiro com o tráfico, porém de forma indireta uma vez que intermediou a transação de outro traficante com um usuário de droga.

### ***Roubo***

Dentro do código de ética da cultura das ruas, ao menos daquelas estudadas por mim, habitantes de rua cometem um erro de conduta grave ao roubarem pertences ou dinheiro de seus pares. Apontamentos foram registrados em algumas saídas de campo no que se refere a questões morais de não vitimar os seus iguais nas ruas. Sérgio, um habitante de rua móvel olhara para as minhas botas e dissera: “Amigo, por exemplo, eu tô usando um tênis novo, daí, eu dou uma banda<sup>40</sup> contigo e nos bodeamos<sup>41</sup> em qualquer canto. Amanhã me acordo de pé discalço. Sei que foi tu que me robô. Só que depois tu pode tá numa ruim, pricisá di mim. Daí, tu já viu, né!?”

Dentro das relações entre os dois grupos amostrados - catadores de recicláveis e habitantes de rua - fica evidente que há uma norma interna de reciprocidade moral com relação a quem te ampara nos dias difíceis do mesmo modo que há condutas punitivas a quem prejudica outro habitante. Pude constatar tal fenômeno social, em certa saída de

---

<sup>38</sup> Lemos usa tal expressão êmica em sua tese que significa esconder (2002, p.02).

<sup>39</sup> Ver nota de rodapé de número 15.

<sup>40</sup> Dar uma banda significa dar um passeio.

<sup>41</sup> Bodear significa dormir.

campo na qual estudava inicialmente os catadores de recicláveis. Ao percorrer o trajeto do Bairro Azenha até o Centro, faço uma pausa no Parque Farroupilha, na Redenção<sup>42</sup> para entrevistar três catadores que são também habitantes de rua. Um deles, chamado Ari me contou que teve seu carrinho de supermercado furtado por dois jovens numa madrugada em que dormia no Parque Marinha do Brasil<sup>43</sup>. Os jovens além de terem furtado o seu “carro” ainda zombaram por dias dele muito pelo fato deste ser um homem velho e aparentemente frágil. Então, num certo dia, Ari atacou um dos jovens a facadas não o tendo visto mais nas ruas e não sabendo se de fato o matou ou não. Suas palavras: “Precisei lavá minha honra, já tinha muita gente achando que eu era froxo!” Exemplos de rechaças àqueles que desonram o companheirismo exercido nas ruas conforme essa história de vida comentada por Ari demonstram que uma atitude de punição a quem rouba os outros é praticamente uma questão de honra. Embora não seja tão vergonhoso quanto roubar de seus pares nas ruas, também não é muito ufanado aquele habitante que rouba transeuntes. Magni comenta a respeito disso: “A mendicância e o roubo, que se contrapõem ideologicamente, são alternativas recorrentes: ‘melhor pedir do que roubar’, afirmam os pedintes, tentando legitimar-se. Magni também cita Stoffles e Pesanha para reforçar que os habitantes de rua mais sucedidos como pedintes são aqueles que apresentam alguma fragilidade, debilitação ou invalidez tais como: deficientes físicos, crianças e idosos. Dessa forma, habitantes de rua jovens que aparentam saúde não encontram a mesma legitimidade para o pedido. Em consequência, partem para o tráfico de drogas ou roubo. Pirata ilustra tal argumento com uma de suas histórias: Já teve algumas vezes que tive “quebrado”<sup>44</sup>, tava fudido e tive que “lesar” umas pessoa; robei, né!? Agora a coisa tá meio “embassada”<sup>45</sup> por causa da operação Papai Noel”<sup>46</sup>.

### ***Trabalho regular e irregular***

Independente de ser um trabalho regular ou irregular, aquele habitante de rua que está em um ou em outro ou em ambos, já demonstra estar diferenciado da maioria. Mesmo

---

<sup>42</sup> Parque público de Porto Alegre.

<sup>43</sup> Parque público de Porto Alegre.

<sup>44</sup> Quebrado significa estar sem dinheiro.

<sup>45</sup> Embassada significa complicada.

<sup>46</sup> Reforço ostensivo da Polícia Militar no centro de Porto Alegre para evitar assaltos nas véspera do Natal.

estando num patamar distinto que foge da grande parte do grupo de habitantes de rua, as atividades por eles exercidas visando a sua sobrevivência são insuficientes na garantia de condições dignas.

Dos onze indivíduos amostrados na pesquisa, foi constatado que somente um habitante possuía trabalho regular. Em uma saída de campo, pude comprovar que Sérgio tinha conseguido um trabalho regular em uma cooperativa de limpeza urbana. Tal emprego foi arranjado por um conhecido amigo que fez toda a intermediação para que Sérgio fosse contratado. Importante ressaltar que diferentemente da maioria dos habitantes de rua, ele possuía carteira de habilitação, que serve como comprovação de identidade.

Além disso, tal amigo de Sergio financiava todos os dias o almoço para ele. Disse inclusive para mim que faria este gesto até Sergio conseguir se estabilizar e sair das ruas.

Apesar de esta situação parecer uma grande oportunidade, ainda existem outros obstáculos que dificultam a situação dos habitantes de rua. No caso de Sérgio, o trabalho se tornava muito mais desgastante se comparado a outros empregados que estão debaixo de um teto. Obviamente que uma pessoa habitante de rua não tem a mesma tranquilidade de sono nem tampouco uma alimentação regulada para realizar um trabalho restritamente braçal. Posteriormente vim a saber, que após duas semanas e meia, Sérgio tinha abandonado o emprego e ido para outra cidade. Conforme relato de Lúcia, outra habitante de rua, ele voltou para o seu município de origem, Uruguaiana.

Se os trabalhos regulares já são difíceis de serem mantidos, os de caráter irregular são extremamente ariscados uma vez que o sujeito habitante de rua se expõem a sofrer represálias de agentes regulamentadores do trabalho. Lúcia e Salsicha são habitantes de rua que se encaixam nesse perfil de variação quanto aos trabalhos de sobra. Em dias de chuva, costumam pegar em consignação guarda-chuvas e sombrinhas com o intuito de vendê-los nas ruas. Lúcia, além de guarda-chuvas, vende isqueiros “paraguaios”. Eu já vi em uma das minhas saídas de campo ela apreensiva, com receio<sup>47</sup> que algum agente de fiscalização comercial a abordasse e confiscasse os seus produtos.

Observa-se claramente nesse exemplo o choque entre as estruturas institucionais que legitimam aquilo que é permitido de se fazer nas ruas versus aquilo que é necessário para se garantir, mesmo que provisoriamente, a subsistência. A instituição em si entra

---

<sup>47</sup> Jack London, escritor americano ao fazer uma reportagem social de denúncia ao descaso das autoridades perante a miséria e exclusão social da Londres do início do século XX, afirma que os poderes constituídos dessa cidade fazem de tudo para desencorajar o mendigo ao trabalho.

em conflito direto com o sujeito marginalizado que indo contra a ordem quer somente sobreviver. E, muitas vezes as práticas institucionais concebem ações as quais se tornam permissivas porque partem de dentro para fora, isto é, a posição sócio-econômica se faz conforme a lei enquanto que o desfavorecido socialmente desinstitucionalizado já carrega todo o estigma e vai obrigatoriamente ter que se manter em trabalhos de sobra. Lucia, certa vez, vendeu uma cartela inteira de isqueiros a um homem que, segundo ela, era um major aposentado. Ela me relatou que o mesmo possuía uma tabacaria e que comprou seus isqueiros para ajudá-la, mas que os colocaria no estabelecimento comercial para vendê-los. Obviamente que lá entre outros produtos dificilmente haveria alguma suspeita de irregularidade fiscal uma vez que a loja está regulamentada. O quadro abaixo revela os trabalhos de sobra dentro das ruas.

Quadro 4: Perfil de variação quanto aos trabalhos de sobra:

	Pedintes de dinheiro	Doações (comida, cigarro, dinheiro)	Tráfico de drogas	Roubo	Trabalho regular	Trabalho irregular
Lucia	*	*				*
Marujo	*	*				*
Cássia	*	*				
Vânia		*				
Gremista	*	*				
Tereza	*	*				
Sérgio	*	*	*		*	
Pirata	*	*	*	*		
Chinês	*	*				
Salsicha	*	*	*			*
Márcio	*	*	*	*		

#### 4. Cultura, estilo de vida, representações identitárias, aceitação e auto-aceitação

Vânia, uma das principais informante-chave dessa pesquisa, ao tratar dos seus ex-pares das ruas realizando curativos em ferimentos ou distribuindo comida, adora se gabar afirmando: “Eu cuidei di treze filho, três eram adotado”. “Não se passa meia hora quando ela afirma novamente: “Tive onze filho, cuidei di todos”. Vânia sempre lembra de seus supostos filhos ao prestar assistência aos habitantes de rua numa espécie de argumentação que justifique, fundamente a competência dos seus cuidados adquiridos pela experiência de ter sido mãe de várias crianças. O interessante é que ela ao colocar tal comentário sempre modifica o número de filhos e –mais interessante ainda – é o fato de que nenhum habitante de rua questiona ou discorda das suas colocações.

Snow e Anderson conceituam tal representação identitária de *embelezamento* como pode se observar na seguinte citação:

Por *embelezamento*, nos referirmos ao exagero de experiências passadas ou presentes com particularidades imaginários e fictícios de modo a afirmar uma identidade pessoal positiva. O embelezamento envolve aumento da verdade, um exagero do que transpirou ou está desenrolando. As histórias embelezadas, portanto, são apenas parcialmente ficcionais.

Tal embelezamento é bastante comum nos habitantes de rua. Essas afirmações visam de certa forma buscar um reconhecimento e orgulho daqueles com quem se vive além de ser uma compensação de “dourar” a sua própria identidade. Elas merecem atenção também pelo fato curioso do não questionamento da veracidade dos comentários por parte de outros habitantes. Penso que há nas ruas uma partilha de consciência coletiva de fantasias projetadas cujos contadores das histórias e ouvintes podem ter a liberdade de serem alguém entre o real e imaginário sem a restrição alheia a isso, comumente observada na sociedade em geral. Como exemplo, cito certa ocasião na qual Gremista e Marujo bebiam junto com outro habitante de rua que não parava de repetir o seu passado afirmando que havia sido um grande assaltante de bancos pelo Rio Grande do Sul e Brasil afora, além de ser um ótimo pistoleiro, bom de mira. Gremista e Marujo não se incomodaram em nenhum momento com a repetição do assunto. Somente entraram em conflito com o outro homem no instante em que perceberam o seu abuso diante da bebida ofertada por eles.

Outro habitante de rua expôs a um grupo o fato de no passado ter gasto nas ruas com seus companheiros o equivalente a 10 mil reais em pedras de “crack”. Ao concluir essa conversa fez uma pergunta de confirmação da verdade a dois indivíduos do grupo que estavam ali dividindo o espaço. Eles responderam concordando. Tais histórias de embelezamento, ainda que não tão reais nem tão fictícias, servem também para reforçar laços de cumplicidade uma vez que é fundamental ter e manter uma irmandade nas ruas. Essas representações refletem uma estratégia de sobrevivência. Contações de história é sumamente uma habilidade que o indivíduo habitante das ruas deve desenvolver de alguma forma.

Outro aspecto identitário da cultura das ruas é a auto-aceitação e aceitação alheia. Ela por vezes aparece distorcida numa tentativa de se mostrar resistente aos percalços das ruas. Digamos que é uma distorção do eu altamente otimizado para negar perdas e sofrimento. Marujo gosta de falar incisivamente que possui dinheiro ao questionarem alguma falha ou falta dele.

Um caso aconteceu no fim de uma tarde. Enquanto ele dormia, teve seu carrinho de supermercado roubado. Lúcia e Cássia perguntaram ingenuamente o que ele iria fazer a partir de então. Ele respondeu: “Eu tenho dinheiro! Eu tenho tudo. Eu me arranji!” Apesar desse comentário exaltado, em outras ocasiões ele afirmara não ter dinheiro nenhum. Embora tenham ficado quietas com a resposta de Marujo; Lúcia e Cássia comentaram que ele é um velho ranzinza que não tem aonde cair morto e “se acha”. Ou seja, elas desaprovaram a grosseria e a veridicidade da fala de Marujo. Contudo, falaram isso para mim, não para ele. As histórias de rua mesmo sendo exageradas, muitas vezes de maneira absurda, não sofrem muita objeção direta, isto é, ninguém interrompe e repreende seus narradores. Tal fenômeno cultural das ruas apresenta dois viés: o companheirismo deve ser mantido por razões de sobrevivência e histórias de rua são irrelevantes se comparadas com a urgência diária de subsistência, que é concretamente factual. Mas, também a convivência se torna extremamente superficial à medida que por não discordarem, criticarem e questionarem nada dos seus pares, conhecem verdadeiramente muito pouco uns aos outros.

Até pode se dizer que em situações excepcionais ocorrem discórdias. Mas essas somente são alimentadas quando já se tem alguma implicância de um sujeito habitante de rua por outro. Em uma saída de campo, presenciei a briga de duas mulheres. O motivo não me foi revelado, porém, anteriormente tinha percebido que os ânimos estavam acirrados porque aquilo que uma falava a outra discordava demasiadamente.



Devido ao êxito ou fracasso do dia quanto às diferentes estratégias cognitivas de sobrevivência, a auto-aceitação dos habitantes é bastante oscilante. Já presenciei Lúcia feliz por ter “ganhado o dia” ao vender uma cartela completa de isqueiros nas suas vendas de ambulante. E, já a vi desolada por ter comprado guarda-chuvas para revender e a chuva ter parado em seguida acarretando o fracasso das vendas daquele dia. Quando o dia não era bom, ela falava que precisava sair das ruas. Quando o dia era bom, ela não falava nada sobre sair das ruas. Somente ria das pessoas que passavam, debochando delas e as colocando apelidos.

A cultura das ruas é extremamente variada no que diz respeito à quietude. Sérgio me disse que é difícil estar nas ruas. Quem está recentemente nelas passa por grandes agruras de adaptação embora ele mesmo tenha contra-argumentado dizendo: “Depois que se aprendi a pedir, daí deu...” Ele deu a entender que depois que se conforma com a situação de habitante de rua pedinte, a condição de retorno institucional das ruas para uma casa ou até mesmo para um abrigo é complicada. Além disso, nas ruas as representações identitárias sofrem menos represálias que nas classe sociais economicamente mais elevadas e inclusive nas instituições formalmente regradas, pois essas lidam com o “status” Tais representações de forma aparente são sinônimo de liberdade. Tanto é que muitos habitantes de rua visivelmente se aceitam como pessoas felizes. Tanto é que Vânia, embora seja ex-habitante de rua e atualmente domiciliada ainda vem para o centro de Porto Alegre para conviver com seus ex-pares, sensibilizando-se com eles e os amparando.

Aqueles que estão habitando as ruas, resistem bravamente aos problemas de falta de dignidade. No entanto, no plano ideológico, há supostamente um “conformismo feliz” por parte de seus habitantes na aceitação de suas condições. Se porventura não houvesse, talvez a sociedade institucional em geral entrasse em colapso uma vez que os preceitos cognitivos das ruas iriam disputar espaço com aqueles formalmente educacionais.

Entretanto, a rua faz sentido ao indivíduo no momento em que ele, por resistir às penúrias diversas, a torna o seu ambiente de aprendizagem pra ganhar sobrevivência. Enquanto estiver vivo, está vencendo. E pra quê pensar no amanhã se o amanhã já é o plano de hoje? O imediatismo de sobrevivência é vigorante.

## **Considerações finais**

Uma das questões que se deixa para reflexão a partir da pesquisa vai na linha contrária ao pensamento estigmatizado da sociedade como um todo, a qual se refere aos sujeitos habitantes de rua como grupo destituído de completa cidadania. Acredito que o processo funcione de outra forma: há uma espécie de “cidadania invertida”, pois há um fenômeno social da rua enquanto uma espécie de “instituição da subversão”. Ao estarem inseridos em um contexto considerado degradante e até mesmo repugnante pelos outros segmentos da sociedade os habitantes de rua obtêm assim um reconhecimento e, portanto, são pertencentes a esta mesma sociedade. Afirmam-se na subversão, tornam-se alguém que, às avessas, tem uma posição social.

A Constituição Federal assegura direitos quanto à educação, à saúde, ao trabalho, à moradia. Isso forma os alicerces da cidadania institucional convencional enquanto sujeito pertencente ao Estado. Mas, para a obtenção de tais direitos o mesmo sujeito deve servir o Estado conforme os deveres. Em outras épocas e hoje a mendicância pode ser um símbolo da resistência humana à institucionalização do poder que hierarquiza, homogeneiza e se dá numa ideologia funcional para operar as classes. Carmem Craidy questiona: se poderíamos considerar os nossos moradores de rua como pré-modernos por não aceitarem instalar-se na indigna condição de assalariado ou, como pós-modernos, agonizando entre o desejo do simbolismo do trabalho que os “inclui” e a realidade do desemprego que os taxa de supérfluos (Lemos p.32).

Os improvisos, as adaptações físicas, materiais, psicológicas, a própria condição de ilegalidade dos trabalhos informais dos habitantes de rua constituem elementos cognitivos antagônicos aos preceitos de moral no âmbito educacional. A escola, muitas vezes, ainda se mantém dentro dessa ideologia como estrutura de mecanismos condicionantes de alienação; realiza uma educação inclusiva somente nos discursos e, em contraste, põe na sua posição a atitude histórica da “reprodução dominante.” Charlot assume para si o pressuposto de que os indivíduos não são simples objetos de pesquisa, mas agentes capazes de subverter a lógica dominante, mesmo que o façam localmente e com o simples intuito de melhorar um pouco o modo de vida.

As aprendizagens e os saberes da rua representam um mundo incompatível com o mundo da escola porque alguns elementos cognitivos das ruas são estruturados dentro da ilegalidade.

Assim, ferramentas básicas propiciadoras de educação das instituições formais entram em descompasso com aqueles que têm nas ruas a sua “instituição”. Se é que pode se pensar a rua nesse termo.

Há um abismo entre os saberes escolares e os saberes da rua uma vez que a noção de domínio sócio-espacial da rua auto-afirmada na contravenção colide com a ordem sócio-organizacional da escola. Diante disso, como projetar olhares para se compreender a EJA das ruas enquanto educador institucionalizado em ambiente antagônico a elas?

## **Referências**

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. <<http://www.educa.fcc.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>>. Acesso em 02 dez. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL, **Constituição de 1998**. Brasília: Congresso Nacional, 1994. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituição/Constituição.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituição/Constituição.htm). Acesso em 23 jan. 2008.

CHARLOT, Bernard. **Aprender, mas só com sentido**. <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/bernard-charlot-478002.shtml>. Acesso em 01 dez. 2011.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GILLIAM, Terry; LAGRAVENESE, Richard. **O Pescador de Ilusões**. [Filme-vídeo]. Gênero Comédia. Estados Unidos. Cor. 137 min., 1991.

MAGNI, Claudia Turra. **A rua invisível**. Paper acadêmico. Porto Alegre, 1993.

MAGNI, Claudia Turra. **O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes de rua**. <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a11.pdf>>. Acesso em 26 nov.2011

**Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.** Organizado pelo Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LONDON, Jack. **O povo do abismo: fome e miséria no coração do império britânico: uma reportagem do início do século XX.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LEMOS Miriam Pereira. **Ritos de entrada e ritos de saída da cultura de rua: trajetórias de jovens moradores de rua de Porto Alegre.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. <[http:// www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br)>. Acesso em 26 nov. 2011.

RODRIGUES, Robson. **Moradores de uma rua sem dono.** *Sociologia*, São Paulo, edição 32, p.18-26, 28, 2010.

SILVA, Everaldo da; TAFNER, Elisabeth Penzlien. Caderno de estudos: **Metodologia do Trabalho Acadêmico.** Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2011.

SNOW, David; ANDERSON, Leon. **Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TWAIN, Mark. **O príncipe e o pobre.** São Paulo: Tecnoprint, 1979.